



08 DE JUNHO DE 2015

Segunda-feira

- NOVO CÓDIGO DE MINERAÇÃO ESTÁ PARADO NO CONGRESSO HÁ DOIS ANOS
- REFRESCO NA CRISE ENERGÉTICA
- PARA GENERAL MOTORS, AJUSTE FISCAL NÃO ALIVIARÁ CONTRAÇÃO DO MERCADO
- FPT INDUSTRIAL BUSCA ALTERNATIVAS PARA DRIBLAR CRISE
- VENDAS DE IMPLEMENTOS CAEM 40% EM 5 MESES
- VENDA DE MÁQUINAS PARA CONSTRUÇÃO TERÁ QUEDA DE ATÉ 46,5% NESTE ANO
- EM ANO DE AJUSTE, BNDES MANTÉM VERBA SOCIAL
- DOSE EXAGERADA DO 'REMÉDIO' CONTRA A INFLAÇÃO AMEAÇA PROLONGAR RECESSÃO
- CONTRA A CRISE, EXECUTIVOS RECORREM À "TERAPIA DE GRUPO"
- PELA 8ª SEMANA SEGUIDA, MERCADO PIORA ESTIMATIVA DE INFLAÇÃO PARA 2015
- VEJA 5 DICAS PARA FAZER SUA EMPRESA CRESCER
- RECICLAGEM VIRA ALMA DO NEGÓCIO NA INDÚSTRIA
- BNDES MUDA POLÍTICA DE FINANCIAMENTOS PARA ESTIMULAR DEBÊNTURES CORPORATIVAS
- METAL COM MEMÓRIA RETORNA SEMPRE AO SEU FORMATO ORIGINAL
- COPOM ELEVARÁ AINDA MAIS OS JUROS NESTE ANO, PREVÊ FOCUS
- OCDE APONTA FRAQUEZA NAS ECONOMIAS DOS EUA, BRASIL E CHINA
- AÇÕES DE CSN E USIMINAS CAEM COM POSSÍVEL DIVISÃO
- 54% DAS INDÚSTRIAS LIGADAS À FIESP TERÃO QUE DEMITIR

- ECONOMIA ENCOLHE MAIS EM 2015 NA PESQUISA FOCUS
- PEQUENAS (GRANDES) CONQUISTAS DA INDÚSTRIA NACIONAL
- MAHLE É LÍDER EM PATENTES DO SETOR AUTOMOTIVO NO PAÍS
- AZ ARMATUREN PASSA A FORNECER SERVIÇOS DE FUNDIÇÃO
- CHINA REDUZ EM 11,6% IMPORTAÇÃO DE MINÉRIO DE FERRO EM MAIO ANTE ABRIL
- ECONOMISTAS MANTÊM PROJEÇÃO DE SELIC A 14% EM 2015 E ELEVAM PERSPECTIVA PARA INFLAÇÃO
- METALÚRGICOS FAZEM PROTESTO DIANTE DE CONCESSIONÁRIA
- VSB REAGE À CRISE E AFASTA METADE DOS FUNCIONÁRIOS
- CSP APLICA R\$ 1 BI EM CONTROLE DO MEIO AMBIENTE
- TERNIUM ADMITE FALHAS DE CONTROLE À SEC
- AGERIO FINANCIA IMPLANTAÇÃO DE SIDERÚRGICA EM VALENÇA
- VALE SOBE COM RELATÓRIO DE ITAÚBBA E PREÇO, MAS CENÁRIO AINDA É INCERTO
- ATIVIDADE INSALUBRE: MTE DEFINE NOVAS REGRAS
- IVECO PARA MONTAGEM DE PESADOS E BLINDADOS

CÂMBIO EM 08/06/2015		
	Compra	Venda
Dólar	3,114	3,115
Euro	3,497	3,498

Fonte: BACEN

Novo código de mineração está parado no Congresso há dois anos

08/06/2015- Fonte: Gazeta do Povo



A presidente Dilma Rousseff anunciou, há exatamente dois anos, um novo Código da Mineração, que ambicionava atualizar o marco regulatório vigente desde 1967, aumentar as receitas do governo federal e modernizar a relação entre as empresas e o setor público.

No entanto, a cerimônia no Palácio do Planalto serviu apenas para criar expectativa: o código está parado no Congresso Nacional e a presidente, que é ex-ministra de Minas e Energia, continua a conviver com as mesmas regras de 48 anos atrás.

“É lamentável e terrível para todos os municípios que dependem da mineração que esse código esteja parado por tanto tempo. É ruim também para as empresas e os investidores, porque o Brasil convive com duas regras: a velha, que não é boa para ninguém, mas continua em vigor; e a nova, que está pronta há dois anos, mas não é aprovada”, disse o presidente da Associação dos Municípios Mineradores de Minas Gerais (Amig), Celso Cota, que também é o prefeito de Mariana (MG).

Nos cálculos da Amig, os municípios mineiros poderiam ter recebido R\$ 2,4 bilhões nos últimos 24 meses caso o novo código, proposto pelo governo, tivesse sido aprovado. Isso porque, entre outras iniciativas, as novas regras preveem um aumento nas alíquotas da Compensação Financeira pela Exploração dos Recursos Minerais (CFEM), o chamado “royalty da mineração”.

Pelas regras de 1967, as empresas que exploram o minério de ferro, como a Vale, por exemplo, pagam 2% de CFEM, que incide sobre o faturamento líquido.

O novo código será acompanhado de decretos com as novas alíquotas e o governo já revelou que, no caso do minério de ferro, a compensação passará a ser de 4% e incidirá sobre o faturamento bruto. A CFEM é repartida entre governo federal, estados e municípios.

“Será que esse aumento de tributação pode explicar os dois anos de código parado no Congresso? Ele é importante para o setor público, mas ainda ficará pequeno para as empresas”, afirmou Cota.

No Congresso, o presidente da comissão especial que discute o novo código, deputado Gabriel Guimarães (PT-MG), afirmou que, com as alterações feitas no projeto original do governo, o novo código está pronto para ser votado.

“De minha parte, os consensos que fechamos entre parlamentares, empresários, governo federal, prefeitos e governadores já deixam a questão livre para o voto.”

Detalhes

O novo código prevê a transformação do Departamento Nacional de Pesquisa Mineral (DNPM) em agência reguladora do setor, algo que, segundo o deputado, é apoiado por todas as partes.

Os deputados alteraram a distribuição da CFEM, reduzindo a parcela do governo federal de 12% para 10% do total arrecadado, dos municípios de 65% para 60% e, dos estados, de 23% para 20%, de forma a fazer com que 10% seja direcionado a municípios "afetados", isto é, aqueles por onde passam rodovias ou ferrovias que servem mineradoras.

Prioridade

Os parlamentares também defendem que o regime de concessão continue como é desde 1967, por "prioridade". Isto é, as empresas que buscam um campo para pesquisa e exploração têm preferência do governo para conseguir a liberação oficial para ocupar a mina. Já o governo ainda defende que o regime seja alterado para licitações. "Isso pode ser decidido por voto", disse Guimarães.

Procurado, o Ministério de Minas e Energia apenas afirmou, por meio de sua assessoria de imprensa, que a interlocução no Congresso "será intensificada".

Refresco na crise energética

08/06/2015- Fonte: Gazeta do Povo

Parece ter bastado o governo dizer que os reservatórios do Sudeste não vão cair abaixo de 10% da capacidade em novembro para a crise energética ter acabado. Na verdade, a situação não é muito melhor do que há um ano.

Os reservatórios do Sudeste fecharam maio com 36% da capacidade, contra 37,4% um ano atrás. Isso significa que o estresse hídrico continua, embora a previsão de que teremos um inverno úmido leve a uma expectativa de recuperação dos reservatórios.

Como há um ano, o país precisa torcer para que venha a chuva, além de ter de manter as usinas térmicas ligadas em tempo integral. O custo é visto todos os meses pelo consumidor na chamada "bandeira vermelha" que vem na conta de luz.

Há uma diferença no cenário: a recessão está fazendo com que a demanda caia, o que dá tempo para que entrem em operação as hidrelétricas em construção no Norte e Centro-Oeste.

O fôlego que a combinação de um inverno possivelmente úmido e a entrada de energia nova no sistema vai dar ao setor elétrico é curto. Até agora, não foi apresentada nenhuma ideia melhor do que a construção de mais usinas na Amazônia, a custos financeiros e ambientais sempre incertos, e sujeita a atrasos gigantescos.

A expansão de outras fontes renováveis está ocorrendo, mas a um ritmo lento perto das necessidades do país. Sobra espaço para a energia térmica suja, produzida a partir de combustíveis fósseis.

Mas a política energética ainda não incorporou um fato: tanto as térmicas quanto as usinas alternativas terão de operar na base do sistema, com custos mais baixos e maior disponibilidade. Só a chuva não vai resolver no longo prazo.

Transparência

O governo do estado deveria se inspirar no BNDES. Após décadas de contratos sigilosos, o banco colocou no ar informações sobre as empresas que contraíram empréstimos, os valores e condições dessas operações. Aqui no Paraná, o governo do estado se recusa a publicar a lista de empresas enquadradas no Paraná Competitivo.

A desculpa é que, se divulgasse os nomes, estaria infringindo a legislação fiscal. É fato que as empresas têm direito ao sigilo de informações estratégicas e fiscais, mas, como mostra o BNDES, a sociedade tem direito a saber quem é beneficiado, e como, pelo Estado.

Guth

A Belarina Alimentos está investindo na revitalização da tradicional marca de trigo Guth. A empresa comprou o moinho da família Guth em 2013. No ano passado, anunciou a construção de um novo moinho, parte de um pacote de investimentos de R\$ 200 milhões.

Para dar suporte à expansão fabril, a Belarina agora está fazendo ações de marketing com a marca, em especial no mercado curitibano, como um concurso cultural que resultará em um livro de receitas e anúncios em outdoors.

Visto EB-5

O programa norte-americano para a concessão de vistos de residência para investidores estrangeiros está atraindo mais brasileiros. Segundo a consultoria LCR, que presta assessoria de investimento para quem pretende pedir o visto, 47 brasileiros entraram com o processo nos Estados Unidos em 2014.

Para este ano, a previsão é de que entre 100 e 150 pessoas tentem esse caminho para a obtenção do desejado "green card". A lei americana prevê a concessão de um visto especial para quem investe pelo menos US\$ 500 mil em negócios que gerem empregos em território americano. Não adianta, portanto, só comprar um apartamento em Miami.

Logística

A Transportadora Americana, empresa paulista com sede na cidade de Americana, inaugurou uma filial em Maringá, onde vinha operando no sistema de franquia. A estrutura na cidade paranaense tem 2.250 m² de área, dez docas e armazém com mais de mil m². A empresa atende segmentos fortes no Norte do estado, como tecelagem e confecções.

Em alta

Etanol

Depois de anos sofrendo com o subsídio dado pela Petrobras à gasolina, o etanol hidratado vem encontrando espaço para crescer. A alta no consumo foi de 32% nos primeiros quatro meses do ano.

Em baixa

Indústria

Os dados de abril sobre o desempenho da indústria são desanimadores. A retração anual continua em um ritmo de 7% e não há dado no radar que indique uma virada.

GRÁFICO DA SEMANA

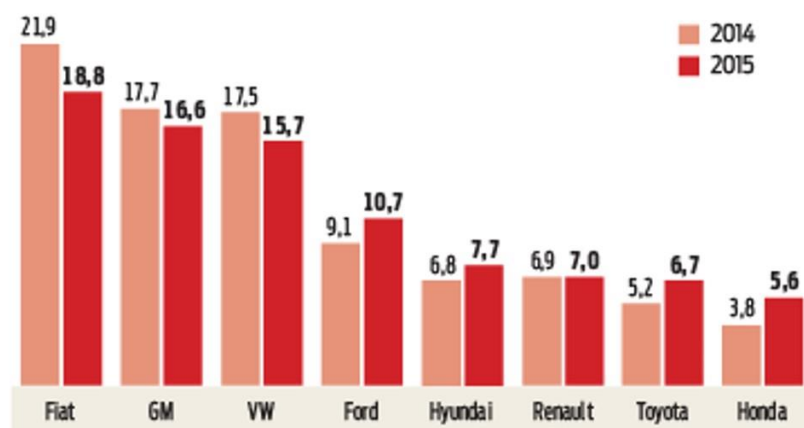
A indústria automotiva passa por um “vale”, com as vendas caindo quase 20% no ano. Nesse cenário, houve mudança entre as marcas mais vendidas. Hyundai, Toyota e Honda aproveitaram o momento para ganhar participação.

VENDAS DE VEÍCULOS

	Até maio/2014	Até maio/2015	Varição (%)
Automóveis	1.117.128	900.716	-19
Comerciais leves	214.822	164.536	-23,4
Total	1.331.950	1.065.252	-20

PARTICIPAÇÃO DE MERCADO

No acumulado de janeiro a maio para automóveis e comerciais leves (em %)



Fonte: Fenabrave. Infografia: Gazeta do Povo.

Para General Motors, ajuste fiscal não aliviará contração do mercado

08/06/2015- Fonte: Automotive Business



A General Motors mantém os pés no chão e não espera recuperação das vendas de veículos ainda em 2015. "As coisas devem melhorar um pouco mais para o fim do ano, mas ainda assim será difícil", avalia Marcos Munhoz, vice-presidente da companhia no Brasil.

Ao contrário do que espera a Anfavea, entidade que reúne os fabricantes do setor, o ajuste fiscal que está em execução pelo governo federal não deverá resolver o problema imediatamente. "Não é algo tão forte a ponto de atrair novamente o consumidor", aponta.

Na análise do executivo, a crise que se formou na indústria não é explicada apenas pelo

cenário econômico, mas principalmente pela falta de confiança. "O maior medo que alguém pode ter acontece quando não se sabe o que temer", aponta, explicando que a população decidiu conter a compra de veículos novos por causa da incerteza sobre o que pode acontecer nos próximos meses. Diante disso, Munhoz não faz projeção para 2015, já que quando traça uma perspectiva se baseia em dados consistentes.

Para contornar esta situação, a General Motors investe fortemente em publicidade. No ano passado a companhia chegou a liderar o ranking das montadoras que mais gastam com propaganda, com investimento de R\$ 335 milhões.

O vice-presidente explica que nos últimos meses está mais difícil atrair o cliente para a concessionária. "A vantagem é que quando ele vai é para fechar negócio, não apenas para olhar, como acontece muito em épocas mais aquecidas."

Apesar da queda de 20,9% nas vendas de veículos no mercado interno de janeiro a maio, Munhoz garante que a GM segue firme com seus planos para o Brasil. A empresa executa investimento local de R\$ 6,5 bilhões entre 2014 e 2018. O montante é destinado principalmente ao desenvolvimento de novos produtos e ao aumento do conteúdo local dos carros fabricados no Brasil.

O vice-presidente admite até mesmo que a companhia já começa a discutir o próximo aporte. Segundo ele, as conversas estão em estágio inicial, sem nada definido por enquanto. "Estamos sempre olhando para o futuro. Precisamos pensar no nosso próximo ciclo de investimentos, a partir de 2018", explica.

O executivo acredita que a contração das vendas que o mercado enfrenta pode assustar as chamadas newcomers, montadoras que se instalaram recentemente no Brasil, mas que a impressão da GM é outra.

"Somos veteranos. Já enfrentamos inúmeras crises. Em 1998 o mercado chegou a cair 40%", lembra, destacando que a situação não abala a confiança da montadora no longo prazo.

FPT Industrial busca alternativas para driblar crise

08/06/2015- Fonte: Automotive Business

O maior desafio para o novo presidente da FPT Industrial para a América Latina, Marco Rangel, será justamente o de fazer crescer a atuação da fabricante de motores em um cenário de mercado em queda livre no Brasil, principalmente nos segmentos de veículos comerciais pesados e de off-road, como máquinas agrícolas e de construção, seus setores-chave de atuação.

O executivo, que acaba de assumir o cargo aposta na consolidação da marca para conduzi-la no difícil contexto regional e destaca a vantagem de sua independência para fornecer tanto para as empresas do Grupo CNH Industrial, a quem ela pertence, quanto para clientes fora do grupo.

"Somos o segundo maior produtor de motores na região em termos de volume e inovação é o maior valor que nós temos. O nosso foco neste momento desafiador está relacionado com a ampliação da capacidade de desenvolvimento em novas aplicações: adequar os produtos existentes no portfólio para atender novas demandas e necessidades dos mercados latino-americanos", disse Rangel durante seu primeiro encontro com a imprensa especializada na quarta-feira, 3, em São Paulo.

Segundo o executivo, com a baixa das vendas de veículos, a FPT Industrial não pretende,

por enquanto, investir em aumento da capacidade. "Neste contexto, estamos trabalhando com uma queda de 10% das vendas neste ano: em 2014 produzimos 60 mil motores, dos quais 60% foram para veículos comerciais. Neste ano, o volume deve chegar a 54 mil unidades", projeta.

ENCONTRANDO CAMINHOS

Focar em outras aplicações e prospectar novos clientes é a maneira que a empresa encontrou para atravessar a crise instalada na indústria. Na América Latina, 80% dos negócios da empresa ainda são focados em clientes do Grupo CNH, como Case, Iveco e New Holland, enquanto apenas 7% são destinados a clientes fora do grupo, diferente do contexto global, no qual 47% das vendas são para empresas fora do Grupo CNH.

No Brasil, a preocupação é generalizada: "O segmento de motores para geração de energia é o único mercado que demonstrou algum crescimento, pelo menos no primeiro trimestre deste ano, mas já aparenta dar sinais de arrefecimento, uma vez que a questão de energia está em parte aliviada com o retorno das chuvas. Por outro lado, todos os demais segmentos – automotivo, agrícola, de construção – estão em tendência de queda, um cenário de contração que não é exclusivo do Brasil, é mundial", aponta.

Para veículos comerciais – caminhões e ônibus – Rangel é incapaz de cravar um índice, mas afirma que "potencialmente, o mercado de caminhões pode ficar abaixo das 100 mil unidades, com situação mais grave para os pesados, cuja queda verificada até agora é de 69%."

Em sua avaliação, até três anos atrás, quando o mercado gozava do bom momento de veículos comerciais, incentivados por medidas governamentais, o empresário soube aproveitar o que para ele, era mais uma oportunidade do que antecipação de compra.

"Aproveitou quem pode comprar e renovar sua frota com juros subsidiados. Tenho exemplo de um cliente cuja a idade média de sua frota não passava de 2,5 anos. Seguramente, ele me disse recentemente: 'posso deixar essa média crescer para 3 ou 4 anos, sem problemas', exatamente porque o cenário não é propício. No curto prazo, não vejo um cenário positivo, é difícil uma recuperação", disse em tom de alerta.

No segmento agrícola, que representa 25% dos negócios no País, ele sustenta uma expectativa de pequena chance de recuperação, com alguma antecipação de compra para a próxima safra.

"Aqui temos uma sazonalidade interessante, mas desde que mantidas as intenções prévias de investimento, vislumbramos alguma melhora". Já para o mercado de construção, o executivo prevê uma queda geral em torno de 35%.

Para os demais países da região, a empresa verifica potencial no mercado off-road, além de projetos pontuais, como a chegada de motores Euro 5 para a Argentina, prevista para 2016, e o Euro 4 na Colômbia.

AJUSTES EM FÁBRICAS E PLANO DE PÓS-VENDA

Ele explica que nos últimos três anos, a companhia fez investimentos pontuais nas duas unidades que mantém na região, a de Sete Lagoas (MG) e a de Córdoba (Argentina), para modernização, que, segundo ele, são capazes de atender a demanda prevista para a América Latina nos próximos cinco anos.

Na planta brasileira, foram incluídos processos semiautomatizados na linha de motores leves, onde ainda existem métodos manuais, e aumentou significativamente o nível de

automatização na linha de média, que fabrica os motores NEF. Já na fábrica argentina, investiu em usinagem e introduziu a plataforma para os motores NEF.

“Isso nos dará fôlego para aumentar a produtividade e acelerar o processo de desenvolvimento de outras aplicações dentro da gama de motores que temos, desde os de 100 cv de potência até os de 500 cv”, afirma.

Apesar do aumento da automatização em suas unidades, a FPT Industrial, assim como outras empresas do setor estão adequando seu volume de produção ante demanda fraca. Rangel conta que mesmo antes de chegar a empresa, em meados de maio, a unidade de Sete Lagoas já passava por ajustes de custos e gastos, bem como no ritmo e cadenciamento da produção.

“Foram tomadas diversas medidas para evitar o impacto principalmente na força de trabalho humano”, comentou.

O plano de fazer crescer a atuação da empresa em mais segmentos a partir de novas aplicações de motores também contempla o pós-venda, a partir da estratégia de criar condições para atender clientes multimarcas.

“Estamos com um projeto, ainda em refinamento, para 50 novos pontos de atendimento na região nos próximos cinco anos. Depende da evolução deste processo, mas podemos sim chegar a ter uma rede com bandeira própria, uma vez que estamos inseridos na rede CNH, que hoje conta com 5213 pontos espalhados por toda a América do Sul”.

Vendas de implementos caem 40% em 5 meses

08/06/2015- Fonte: Automotive Business

Acompanhando a crise do mercado de veículos comerciais pesados, cuja queda das vendas chegou a 42% entre janeiro e maio, os emplacamentos de implementos rodoviários recuaram 40,8% na comparação com mesmo período acumulado do ano passado, para pouco mais de 37,9 mil unidades entregues.

Há um ano, este volume era de 64,2 mil implementos, segundo balanço divulgado na quarta-feira, 3, pela Anfir, Associação Nacional dos Fabricantes de Implementos Rodoviários.

Mais uma vez, assim como no setor de caminhões, o segmento de pesados acentua a queda nas vendas: reboques e semirreboques somaram 11,9 mil unidades entregues entre janeiro e maio, volume 50,4% menor do que o verificado em iguais meses de 2014, quando o mercado consumiu 24 mil unidades.

O segmento leve, que equipa carrocerias sobre chassi, a redução é de 35,1%, para 26 mil unidades.

Para Alcides Braga, presidente da Anfir, o desempenho negativo da indústria de implementos reflete a situação da economia brasileira, cujo PIB recuou 0,2% no primeiro trimestre, de acordo com dados do IBGE.

Apesar do resultado negativo, nem todos os segmentos da economia tiveram desempenho ruim: a agropecuária registrou crescimento de 4,7% com relação ao trimestre imediatamente anterior (o quarto trimestre de 2014) e houve alta de 4% sobre o mesmo período do ano passado.

“O resultado negativo surpreendeu quem esperava por algo pior como 0,5% de retração”,

avalia. Segundo Braga, o índice negativo melhor do que o esperado pode indicar que o pior do ano já passou.

"Podemos esperar que a situação fique menos pior e por isso o momento é de se concentrar nos negócios e aproveitar oportunidades, como a realização da Fenatran, a maior feira de negócios do setor de transportes do País."

Venda de máquinas para construção terá queda de até 46,5% neste ano

08/06/2015- Fonte: Folha de S. Paulo

As vendas de alguns equipamentos para a construção serão reduzidas, neste ano, a quase metade do total comercializado em 2014, segundo a Sobratema (Associação Brasileira de Tecnologia para Construção e Mineração).

A linha de guindastes e gruas será a mais afetada. Os associados ouvidos pela entidade estimam que 3.549 equipamentos serão demandados em 2015. O volume é 46,5% inferior ao registrado no ano anterior.

Na linha amarela, que engloba escavadeiras e tratores, entre outras máquinas, o recuo deverá ficar próximo dos 36%. A projeção é vender cerca de 18,7 mil unidades.

A pesquisa não incluiu empresas vendedoras de caminhões, mas a estimativa é que o segmento acompanhe o da linha amarela.

"Neste começo de ano, os negócios demoraram para acontecer porque não havia movimentação do governo em relação a investimentos ou novas concessões", diz o vice-presidente da associação, Mário Humberto Marques.

"Por isso, as empresas acabaram adiando seus investimentos. Agora, a expectativa é que, com as concessões, o mercado comece a se mover."

Mesmo que haja uma maior demanda por equipamentos nos próximos meses, as fabricantes e locadoras não sentirão um impacto imediato. Metade da frota das construtoras e das companhias de infraestrutura estão paradas hoje.

Projetos incertos

A rede paranaense de supermercados Condor estuda se dará continuidade a seu projeto de expansão, que previa 45 unidades em operação em 2016 -hoje são 40 abertas e três em construção.

"Não vamos interromper as obras que já começamos, mas as duas [lojas] que estavam programadas para o ano que vem são incertas", diz o presidente e fundador da empresa, Pedro Zonta.

"Tudo vai depender do que acontecerá na economia daqui para frente."

Os dois empreendimentos demandariam, juntos, cerca de R\$ 80 milhões.

Além da desaceleração do varejo, o aumento do ICMS no Paraná tem deteriorado as vendas da rede, segundo o empresário.

"Dos produtos que comercializamos, 18 mil tiveram a alíquota reajustada."

No primeiro quadrimestre deste ano, o lucro da companhia caiu pela metade na comparação com o mesmo período de 2014.

No ano passado, a rede faturou R\$ 3,6 bilhões e cresceu 13%. A média em anos anteriores, era de 20%. "Em 2015, com certeza, não vamos repetir o resultado de 2014", diz Zonta.

Confiança do comerciante tem menor recuo desde setembro

A confiança do empresário do comércio caiu 0,2% em maio na comparação com abril, de acordo com pesquisa da Confederação Nacional do Comércio. Esse foi o menor recuo registrado desde setembro do ano passado.

A expectativa do comerciante, que registrou alta mensal de 1%, foi o subíndice que amenizou a retração.

"O resultado não significa que o indicador vá assumir uma trajetória ascendente. Talvez a situação tenha deixado de piorar", diz Fabio Bentes, economista da entidade.

A previsão de uma inflação mais baixa nos próximos meses é um dos fatores que podem ter deixado o empresário menos pessimista, segundo Bentes. "A inflação menor faz sobrar espaço no orçamento para o consumo de bens."

Os outros dois subíndices que compõem o indicador de confiança do comerciante tiveram baixas em maio. As condições atuais recuaram 3,4% e os investimentos, 2,9%.

Em ano de ajuste, BNDES mantém verba social

08/06/2015- Fonte: Folha de S. Paulo

Enquanto o BNDES projeta para 2015 queda de 10% do total de R\$ 188 bilhões emprestados no ano passado, a estimativa do banco para o dispêndio de recursos não reembolsáveis é de manutenção no patamar de 2014.

Os montantes não reembolsáveis não são devolvidos para o BNDES, se forem corretamente aplicados. São quatro fundos: social, tecnológico, cultural e de estruturação de projetos.

No fundo social, o de maior volume liberado, o desembolso de recursos cresceu 371% de 2010 para o ano passado e 61% de 2013 para 2014.

Entre os contemplados no fundo social estão o Instituto Camargo Correa e o Instituto Odebrecht.

A origem dessa verba é um percentual do lucro do banco. O gasto correspondente ao "S" do BNDES, porém, é muito maior do que os cerca de R\$ 486 milhões liberados em 2014, lembra Claudio Leal, superintendente de planejamento da instituição.

"Em caso de desvio, esses fundos estatutários tornam-se reembolsáveis e sobre eles passam a incidir encargos financeiros", assinala Dalmo Fugita, gerente do departamento de economia solidária.

"No fundo social, voltado para geração de renda e modernização da gestão pública, atuamos com institutos e fundações ligados a grupos econômicos que têm relacionamento com o BNDES, para estimulá-los a contribuir para o desenvolvimento das cidades em que estão."

Os valores são direcionados para cooperativas de produtores. Os institutos, que fazem a contratação das organizações, aplicam recursos próprios e os do banco, que representam até 50% do valor total dos investimentos.

"Para cada R\$ 1 que investimos, alguém coloca conosco. Muitas cooperativas não têm como tomar financiamento, mas têm uma atividade que gera trabalho e futuramente poderão se inserir no mercado de crédito. Estamos chegando na base social tentando promover autonomia."

UM POR UM

De 2009 a 2014, a Fundação Odebrecht realizou R\$ 14.7 milhões de um contrato de até R\$ 26 milhões, em projetos de melhora de estrutura física e equipamentos para quatro cooperativas.

"O último que fizemos com o fundo [não restituível] do BNDES foi uma fábrica de farinha, para produtores de mandioca. Para outra associação, compramos caminhões e tanques redes. Conforme a demanda da cooperativa, apresentamos para o banco. Se aprovada, as duas partes alocam o mesmo valor", diz Eduardo Odebrecht, presidente da fundação. O contrato vence neste ano.

O contrato do Instituto Camargo Corrêa, por sua vez, de 2011 a 2016, prevê aporte de R\$ 25 milhões, de cada lado. "É um por um. Não se aplicou tudo. Foram R\$ 11,4 milhões. Não é fácil atender às exigências do BNDES", diz o diretor Francisco Azevedo. "Não sentimos redução, por ora."

Outros parceiros são a Fundação Banco do Brasil -a de maior aporte, de R\$ 20 milhões ao ano- e a Fundação Parque Tecnológico Itaipu.

PARCERIA AMPLIADA

A Votorantim e o BNDES vão ampliar a parceria de investimento em cidades com índices socioeconômicos baixos, que somará R\$ 110 milhões de 2010 a 2020.

No início, estavam previstos R\$ 70 milhões em cinco anos para projetos de geração de renda e apoio à gestão municipal. Com o aporte maior, já em 2015, o projeto poderá chegar a mais de 40 municípios.

"Por estatuto, o banco tem o fundo social e a dificuldade dele é executá-lo em um país continental. Com a capilaridade da Votorantim, em mais de 300 cidades, podemos acompanhar de perto e levar projetos para áreas muito carentes", diz Cloves Carvalho, presidente do instituto.

"Metade dos recursos e a gestão do programa são da Votorantim e 50% vêm do banco." Ao todo, o Instituto Votorantim prevê investir neste ano R\$ 82 milhões, sem contar compensações obrigatórias.

Em 2014, foram R\$ 76,1 milhões (dos quais 71% de recursos próprios, 24% de captações, que incluem os recursos não reembolsáveis do BNDES) para 293 projetos em 119 municípios.

Financiamento em dia

Por causa da crise, a venda de seguro prestamista para financiamentos de carros no Banco Volkswagen cresceu 8,5% de janeiro a abril deste ano, em relação ao mesmo período de 2014.

O produto garante o pagamento de até quatro parcelas mensais do carro em caso de desemprego, incapacidade temporária, invalidez permanente ou morte, de acordo com a categoria contratada.

A proporção de apólices vendidas para veículos financiados aumentou 11,4% e chegou a 37 para cada 100. No primeiro quadrimestre de 2014, a elevação havia sido de 8,6%, em comparação com janeiro a abril de 2013.

"Esse segmento já vinha crescendo, mas agora em maior escala. Os clientes estão mais preocupados em assumir dívidas por causa do cenário atual", afirma Décio Carbonari de Almeida, presidente do banco.

O número de sinistros abertos também segue a tendência. Em abril, as indenizações alcançaram R\$ 1,1 milhão, uma alta de 74% em relação ao mesmo mês de 2014.

Dose exagerada do 'remédio' contra a inflação ameaça prolongar recessão

08/06/2015- Fonte: Gazeta do Povo

Depois de seis altas seguidas, a taxa básica de juros alcançou na semana passada o maior nível desde o fim de 2008. E a maioria dos bancos e consultorias acredita que o Banco Central vai prosseguir com o aperto, levando a Selic além dos atuais 13,75% ao ano.

Mas, para um número crescente de economistas, essa firmeza no combate à inflação – que contrasta com a condescendência do primeiro mandato de Dilma Rousseff – pode estar passando da conta.

“Não subir a taxa Selic agora é prolongar o sacrifício”

Embora reconheçam os efeitos colaterais da alta da Selic, muitos economistas defendem que o aperto continue. Pesa a favor dessa avaliação o fato de que a tolerância à alta de preços no primeiro mandato de Dilma Rousseff manteve a inflação alta por mais tempo e não resultou em crescimento econômico digno de nota.

“Subir os juros é sempre ruim. Afeta os mais pobres, tira dinheiro de quem está devendo. Mas, sempre que é preciso fazer um sacrifício, deve-se escolher o menor. E não subir a taxa agora é prolongar o sacrifício”, avalia Roberto Troster, que foi economista-chefe da Federação Brasileira de Bancos (Febraban).

Para Lucas Dezordi, coordenador do curso de Economia da Universidade Positivo, a Selic precisa chegar a pelo menos 14% ao ano.

“É muito preocupante continuar com uma inflação em 8%, que rapidamente pode virar uma taxa de dois dígitos, contando com a ajuda da inércia inflacionária”, diz. “Inflação tem que ficar na rédea curta.”

Primeiro, porque o resultado é incerto. Mesmo que o juro chegue à casa dos 14%, muitos duvidam que o IPCA possa voltar à meta de 4,5% no ano que vem, conforme espera o BC – a última vez que o índice esteve nesse patamar foi em agosto de 2010.

Segundo, porque a “pressa” em baixar a inflação pode estar impondo um sacrifício exagerado à já deprimida economia brasileira, com risco de estender a recessão para 2016.

Antes da última alta da Selic, economistas de bancos como o Bradesco e o Fator haviam defendido o fim da subida. Na quinta-feira (4), a consultoria britânica Capital Economics afirmou que se aproxima o momento em que os benefícios de novos aumentos da taxa serão menores que seus custos em termos de atividade econômica.

Isso para não falar das contas públicas: o encarecimento da dívida vai consumir boa parte do dinheiro economizado com o ajuste fiscal.

Sem âncora

Desde a eleição presidencial, a Selic subiu de 11% para 13,75% ao ano. De lá para cá, o país entrou em recessão e o desemprego subiu de 6,8% para 8%. Todos os indicadores apontam para queda na demanda.

“esquizofrenia”

Há quem defenda que a inflação, hoje acima de 8% ao ano, possa se aproximar da meta em 2016, mas que o Banco Central se força a exagerar na dose dos juros para tentar dobrar a desconfiança do mercado financeiro.

É o caso de Luiz Carlos Mendonça de Barros, que presidiu o BNDES durante o governo Fernando Henrique Cardoso. Em entrevista ao *Valor Econômico* na sexta-feira (5), ele disse que a luta do BC contra a “esquizofrenia” do mercado pode “aprofundar demais” o ajuste provocado pelos juros.

Mesmo assim, bancos e consultorias mantêm a aposta na inflação. A expectativa média para o IPCA em 2015, que era de 6,29% em setembro, agora está em 8,34%. E a perspectiva para 2016, antes em 5,5%, chegou a subir para 5,7% e semanas atrás retornou a 5,5% – um ponto acima do centro da meta, portanto.

“Se o objetivo é ancorar as expectativas do mercado, o efeito da Selic tem sido muito lento, muito pequeno. Estamos pagando um preço alto pelo fato de a política monetária não ter sido bem calibrada lá atrás, quando o Banco Central baixou os juros mesmo com a inflação acima da meta”, diz Waldery Rodrigues Junior, professor do Ibmecc/DF.

Credibilidade

“O Banco Central está atuando mais para tentar resgatar sua credibilidade junto aos agentes econômicos, porque no momento não há inflação de demanda a se combater”, avalia Pedro Jucá Maciel, assessor de assuntos econômicos do Senado.

Ele observa que, como a economia brasileira ainda é muito indexada, a inflação tem uma persistência muito grande. Muitos contratos são corrigidos por índices de preços, o que torna difícil a tarefa de baixar o IPCA de mais de 8% para menos de 5% de um ano para o outro. “Não é a circunstância ideal para tentar uma convergência rápida para o centro da meta”, diz.

O efeito de prolongar a alta dos juros pode ser muito perverso para o futuro da economia. Uma alteração na Selic demora de dois a três trimestres para chegar à atividade. Ou seja, estamos sentindo agora os impactos das altas de dois ou três trimestres atrás, e ainda sentiremos os efeitos dos aumentos mais recentes.

Pedro Jucá Maciel assessor de assuntos econômicos do Senado.

Para o economista Pedro Paulo Silveira, da TOV Corretora, “no mundo real a credibilidade buscada pelo Banco Central não serve para absolutamente nada” e a alta dos juros agora “não é apenas desnecessária, como nociva”.

“No momento em que há um esforço fiscal para baixar a relação entre a dívida pública e o PIB, o que fica mais difícil com a recessão, o Banco Central aumenta o custo da dívida

exorbitantemente e joga ainda mais para baixo o PIB, piorando ainda mais essa relação”, aponta.

Quase 70% da inflação dos últimos 12 meses é resultado da seca, com efeitos sobre alimentos e energia elétrica, e da desvalorização cambial. Faria sentido que o Banco Central atuasse para esfriar a economia e evitar que esses choques se propagassem para outros produtos e serviços. Ocorre que a economia brasileira já está hiperfria.

Pedro Paulo Silveira economista da TOV Corretora.

Mercado subestimou a inflação nos últimos 5 anos

A expectativa do mercado financeiro é que a inflação anual chegue a 5,5% em dezembro de 2016, segundo a pesquisa Focus divulgada na semana passada pelo Banco Central. Mas há que se considerar que os economistas das instituições financeiras consultadas pelo BC costumam errar feio em previsões feitas com tamanha antecedência.

Nos últimos cinco anos eles erraram sempre “para menos” a projeção do IPCA. Em meados de 2013, por exemplo, a aposta média era de que a inflação fecharia 2014 em 5,8%, mas o índice efetivo foi de 6,41%. A maior diferença ocorreu na previsão para 2011: os economistas esperavam 4,8%, mas o IPCA chegou a 6,5%.

Esse padrão de erro pode sugerir que a inflação de 2016 ficará acima de 5,5%. No entanto, cabe observar que, na última vez em que a economia teve recessão anual, em 2009, o mercado errou a projeção do IPCA “para mais”. A expectativa média era de um IPCA de 4,6%, mas o índice fechou o ano em 4,31%.

VALE O ESFORÇO?

A forte alta dos juros deve esfriar ainda mais a economia brasileira — que, pelos dados do primeiro trimestre, já está abaixo de zero. Mas o mercado financeiro não está convencido de que a inflação voltará para o centro da meta antes de 2016.

O JURO SOBE...

Desde a reeleição de Dilma Rousseff, a taxa básica de juros subiu seis vezes seguidas.

Taxa básica de Juros (Selic) em % ao ano



...A ECONOMIA SE RETRAL...

A atividade econômica, já fraca, piora com o encarecimento do dinheiro.

Expectativa do mercado para a variação do PIB em 2015 em %



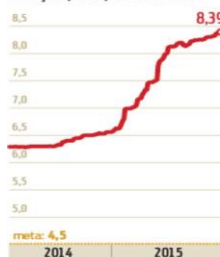
Expectativa do mercado para a variação do PIB em 2016 em %



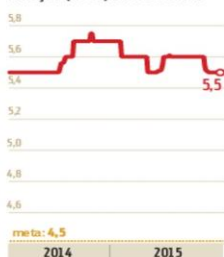
...MAS AS EXPECTATIVAS NÃO MELHORAM

Apesar do avanço da Selic, as expectativas para a inflação mudaram pouco, e continuam apontando para IPCA acima da meta.

Expectativa do mercado para a inflação (IPCA) em 2015 em %



Expectativa do mercado para a inflação (IPCA) em 2016 em %



Contra a crise, executivos recorrem à "terapia de grupo"

08/06/2015- Fonte: O Globo

Todo mês, eles se reúnem para falar sobre os seus problemas. Durante os momentos de desabafo, os participantes resumem desafios nas finanças, mostram como estão reduzindo despesas e tentam entender o que está acontecendo ao seu redor. No vale-tudo para buscar um conselho em momentos difíceis, procuram inspiração até em palestras motivacionais.

As sessões, típicas de grupos de apoio, vêm fazendo cada vez mais parte da rotina de presidentes de conselhos de administração, de empresas multinacionais e de capital aberto.

Para enfrentar a crise atual, de baixo crescimento e inflação alta, executivos vêm recorrendo a iniciativas que eles próprios classificam de "aconselhamento mútuo". O presidente do Conselho de Administração da Marcopolo, Mauro Bellini, e filho do fundador da empresa, participa de um desses grupos: o "Conselho de Presidentes", fundado há quatro anos no Rio Grande do Sul e que chega este mês ao Rio de Janeiro e a Campinas.

"O presidente de uma empresa tem a síndrome da solidão. Numa empresa, só há um presidente. Então, é importante se reunir com outros presidentes uma vez por mês para trocar ideias e buscar aconselhamentos.

A gente ainda tem palestras sobre vários temas de interesse. E, num momento como o atual, de desafio econômico, esses encontros se tornam mais relevantes. Recentemente, por exemplo, falamos sobre a melhor estratégia para atuar na Argentina", disse Bellini, que comanda uma das maiores fabricantes de carrocerias de ônibus do mundo e com ações listadas na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa).

Mas, para participar desses encontros, é preciso seguir várias regras. O primeiro é a confidencialidade: tudo que é conversado fica guardado a sete chaves. Não é permitido gravar áudios, por exemplo.

É proibido ter empresas do mesmo setor na mesma sala. Assim, os grupos acabam tendo perfil heterogêneo, com representantes de indústria, comércio e serviços. Quem também investe nesse tipo de iniciativa é a Randon, fabricante de autopeças e vagões, com presença em toda a América Latina e ações na Bovespa. David Abramo Randon, presidente das empresas Randon, lembra que uma companhia, por ser "um organismo dinâmico", precisa da troca de experiência com outras corporações.

"Uma empresa requer monitoramento constante e precisa do compartilhamento de experiências. Uma empresa moderna precisa ter o olhar 360 graus. Já me ajudaram na troca de informações por meio de contatos entre gestores de áreas como recursos humanos, governança, financeiro e tecnologia da informação (TI). Uma das minhas contribuições (que serviram de inspiração a outras empresas) foi o modelo de sucessão que tivemos nas empresas Randon, um processo sem traumas, orientado por consultorias", disse.

Dernizo Pagnoncelli, que criou o Conselho de Presidentes e é membro do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC), diz que o objetivo das reuniões - realizadas em hotéis próximos a algum aeroporto - é trocar experiências e debater as expectativas da economia. Além disso, lembra que são feitas visitas técnicas a fábricas de companhias.

Como o pessimismo afeta a economia

Brasil atravessa um dos piores cenários possíveis: recessão com níveis historicamente baixos de confiança

"Recentemente, falou-se muito sobre aumento na produtividade dos equipamentos. A palavra-chave para o momento da economia é inovação. E a melhor forma é buscar conhecimento. Estou ampliando para Rio e Campinas", disse Pagnoncelli, lembrando que no Rio já há cinco interessadas em participar.

Arthur Lima Motta, presidente da D'Or Soluções, da Rede D'Or, vai fazer parte do projeto de Pagnoncelli no Rio. Para ele, a participação é vital para que a companhia "possa tomar decisões após análise minuciosa das tendências da economia nacional e internacional".

"É fundamental a troca de percepções entre líderes, normalmente isolados no poder e sem interlocução ou contraponto", disse Motta.

Outras ações são conhecidas, como a do Grupo de Líderes Empresariais (Lide), que reúne periodicamente presidentes de empresas em todo o país. Para Diogo Rossi, gerente-geral da Kidde do Brasil, empresa que pertence à UTC Building and Industrial Systems, uma das maiores empresas de proteção contra incêndio do mundo, isso ajuda a conhecer e comparar serviços e práticas empresariais de vários setores.

"Durante as reuniões mensais, há sempre uma palestra que nos traz informações como cenários econômicos, de mercado, de legislação, tributação", disse Rossi.

O psicólogo e consultor de RH da Top Quality Carlos Eduardo Pereira lembra que o interessante é colocar lado a lado executivos do mesmo porte: "Esses encontros não devem ser usados para brilhar e sim para dividir conhecimento e adaptá-lo a sua empresa. É na crise que se pensa diferente", disse Pereira.

Pela 8ª semana seguida, mercado piora estimativa de inflação para 2015

08/06/2015- Fonte: O Globo

A inflação vai subir mais, e o país vai crescer menos, segundo os economistas do mercado financeiro. Pela oitava semana consecutiva, eles elevaram sua estimativa para a inflação deste ano, que atingiu 8,46%, contra 8,39% na semana anterior, ao mesmo tempo em que reduziram sua previsão para o nível da atividade econômica.

PREVISÕES PARA O IPCA 2015

Em %

8,138,28,138,238,258,268,298,318,378,398,46em

%27/32/410/417/0424/0430/048/0515/0522/0529/0505/068,18,28,38,48,5

Fonte: Banco Central

Os números constam em pesquisa conduzida pelo Banco Central com mais de 100 instituições financeiras na semana passada, e divulgada nesta segunda-feira (8). Para 2016, a previsão dos analistas dos bancos para a inflação oficial, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), permaneceu estável em 5,5%.

Se confirmada, a inflação de 2015 atingirá o maior patamar desde 2003, quando ficou em 9,3%. A expectativa oficial do governo para a inflação deste ano, divulgada no decreto de programação financeira em maio, está em 8,26%.

Segundo economistas, a alta do dólar e dos preços administrados (como telefonia, água, energia, combustíveis e tarifas de ônibus, entre outros) pressiona os preços em 2015.

Além disso, a inflação de serviços, impulsionada pelos ganhos reais de salários, segue elevada.

Pelo sistema que vigora no Brasil, a meta central para 2015 e 2016 é de 4,5%, mas, com o intervalo de tolerância existente, o IPCA pode oscilar entre 2,5% e 6,5%, sem que a meta seja formalmente descumprida. Com isso, a inflação deverá superar o teto do sistema de metas em 2015, algo que não acontece desde 2003.

Produto Interno Bruto

Para o comportamento do PIB neste ano, os economistas do mercado financeiro reduziram ainda mais a previsão, na semana passada, para uma retração de 1,3%. Foi a terceira queda seguida deste indicador. Até então, a estimativa do mercado era de um recuo de 1,27%. Se confirmado, será o pior resultado em 25 anos, ou seja, desde 1990 – quando foi registrada uma queda de 4,35%.

PREVISÕES PARA O PIB 2015

Em %

-1-1,01-1,01-1,03-1,1-1,18-1,2-1,2-1,24-1,27-1,3em

%27/32/410/417/0424/0430/048/0515/0522/0529/0505/06-1,3-1,2-1,1-1-1,4-0,9

Fonte: Banco Central

O PIB é a soma de todos os bens e serviços feitos em território brasileiro, independentemente da nacionalidade de quem os produz, e serve para medir o comportamento da economia brasileira. Para 2016, o mercado manteve sua previsão de alta do PIB em 1%.

No fim de maio, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informou que a economia brasileira registrou queda de 0,2% no primeiro trimestre de 2015, puxada pelo desempenho negativo do setor de serviços e da indústria, bem como pelo recuo do consumo das famílias e dos investimentos. Neste início de ano, o que evitou um tobo ainda maior do PIB foi a agropecuária.

Taxa de juros

Após o Banco Central ter subido os juros para 13,75% ao ano na semana passada, o maior patamar em quase nove anos, o mercado manteve a estimativa de que os juros avançarão para 14% ao ano no fim deste ano - o que pressupõe uma nova alta ainda em 2015. Para o fim de 2016, a estimativa ficou estável em 12% ao ano.

A taxa básica de juros é o principal instrumento do BC para tentar conter pressões inflacionárias. Pelo sistema de metas de inflação brasileiro, a instituição tem de calibrar os juros para atingir objetivos pré-determinados. As taxas mais altas tendem a reduzir o consumo e o crédito, o que pode contribuir para o controle dos preços.

Câmbio, balança e investimentos

Nesta edição do relatório Focus, a projeção do mercado financeiro para a taxa de câmbio no fim de 2015 permaneceu em R\$ 3,20 por dólar. Para o término de 2016, a previsão dos analistas para a taxa de câmbio ficou estável em R\$ 3,30 por dólar.

A projeção para o resultado da balança comercial (resultado do total de exportações menos as importações) em 2015 subiu de US\$ 3 bilhões para US\$ 3,10 bilhões de resultado positivo. Para 2016, a previsão de superávit ficou estável em US\$ 10 bilhões.

Para este ano, a projeção de entrada de investimentos estrangeiros diretos no Brasil subiu de US\$ 66 bilhões para US\$ 67,5 bilhões. Para 2016, a estimativa dos analistas para o aporte permaneceu em US\$ 65 bilhões.

Veja 5 dicas para fazer sua empresa crescer

08/06/2015- Fonte: Pequenas Empresas & Grandes Negócios



Abrir uma empresa é o sonho de muita gente. Infelizmente, muitas boas ideias acabam ficando pelo caminho por falta de itens como planejamento financeiro adequado e metas claras. A lista abaixo traz dicas importantes para evitar que seu negócio passe por maus momentos. Confira.

1 – Automatize suas finanças

Muitas pequenas empresas ainda controlam suas finanças na base do caderninho ou das tradicionais planilhas de Excel. Mas, além de consumirem muito tempo e trabalho para atualização, esses métodos não são suficientes para gerenciar todas as operações da empresa. Por isso, o primeiro passo para uma gestão eficiente de sua empresa é adotar uma solução online, como o [QuickBooks ZeroPaper](#). O QuickBooks ZeroPaper faz backup automático em ambiente seguro de todas as suas informações e conta com todos os recursos necessários para automatizar as tarefas de sua empresa.

2 – Defina metas

Outro passo importante para uma gestão financeira eficiente é definir suas metas. Para isso, responda claramente quais são seus objetivos financeiros e até onde pretende chegar com seu negócio. Quando estiver com essas metas estabelecidas, faça o planejamento a médio e longo prazo, e não apenas pensando no mês seguinte.

Um empreendedor de sucesso deve ter uma visão abrangente de sua empresa, sendo imprescindível que as metas considerem semestres e anos seguintes. Pode parecer exagero, mas as decisões de hoje estão diretamente relacionadas aos rendimentos futuros.

3 – Respeite o orçamento

Repetir o orçamento também é imprescindível para uma gestão financeira eficiente. Você pode até listar todas as despesas, considerar os rendimentos e prever os meses seguintes, mas nada disso adiantará se o orçamento não for cumprido à risca, com exceção no caso de emergências.

4 – Cuidado com os empréstimos

É necessário ainda tomar cuidado com empréstimos – levando em conta não apenas a taxa de juros, mas também o tempo e o valor final do pagamento, assim como gerenciar as dívidas que já existem e sempre poupar, mesmo que a empresa esteja em situação adversa.

5 – Use a web para se capacitar

Há uma imensa oferta de treinamentos, cursos e outros conteúdos online sobre finanças empresariais. Muitas dessas fontes de informação são de livre acesso, como o material publicado no site do Sebrae. Dedique algum tempo para acessar esses conteúdos e aprimorar seu conhecimento empresarial.

Seguir essas medidas fica muito mais fácil com a ajuda do [QuickBooks ZeroPaper](#). Em sua versão inteiramente gratuita, o usuário tem controle de todo o fluxo de caixa e recebe relatórios e alertas sobre o desempenho financeiro. É preciso apenas criar uma conta no site e inserir os dados corretos sobre a atual situação financeira. O gerenciador permite uma gestão de qualidade sem complicações.

Reciclagem vira alma do negócio na indústria

08/06/2015- Fonte: CIMM

O reaproveitamento e a reciclagem na indústria, que transformam resíduos em matéria-prima ou em novos produtos para utilização em setores diversos da economia, reduzem custos da produção, geram receita para as empresas e de novo potencializam os investimentos em ações de sustentabilidade.

Mais que cumprir as determinações da legislação e além de responder às demandas da sociedade, que exige contrapartidas sociais e ambientais das organizações, esses investimentos se tornaram parte da alma do negócio.

“O investimento em sustentabilidade e em segurança é como outro qualquer, e precisa ter uma perspectiva de retorno para as organizações”, diz Roberto Bazin, diretor da consultoria norueguesa DNV G. Segundo o especialista, a boa notícia é que os processos geram sim, retorno considerável para as empresas.

Ele cita números internacionais da Associação Internacional de Seguridade Social (ISSA) que aponta um percentual de retorno calculado em 220% para investimentos em sustentabilidade e segurança do trabalho.

Um bom exemplo está na cadeia da siderurgia e mineração. Atividade de grande impacto, cada tonelada de aço produzida gera perto de 600 quilos de resíduos ou coprodutos. Em um processo intenso de reciclagem e reaproveitamento, a ArcelorMittal, maior fabricante de aço do mundo, investe alguns milhões por ano em pesquisas para aprimorar seus processos de produção.

“Em todas as plantas, são reciclados 95% do coproduto gerado na fabricação do aço”, diz Guilherme Abreu Correa, gerente de meio ambiente da companhia.

Segundo o executivo, a empresa está direcionando seu trabalho para aprimorar os processos no material já reutilizado e trabalhando para reduzir o percentual de 5% acondicionado em aterro. “A reciclagem reduz os custos com matéria-prima e aterro.

A empresa deixa de comprar e passa a usar o coproduto”, explica. No ano passado, a ArcelorMittal Brasil reaproveitou cerca de 3,1 milhões de toneladas de resíduos industriais, dando novos usos às escórias, gases e outros coprodutos derivados do processo de produção do aço.

A venda desses mais de 30 tipos de coprodutos gerou uma receita extra de R\$ 180 milhões. Os principais destinos dos materiais foram as indústrias de cimento e química.

Em 2015, a siderúrgica vai investir no país R\$ 2,8 milhões em pesquisa e desenvolvimento de novas aplicações para os resíduos, evitando o descarte no meio ambiente, economizando no uso dos recursos naturais e ainda gerando riqueza.

Ao todo, serão 17 novas linhas de pesquisa, desenvolvidas em parceria com universidades federais, com o Núcleo de Pesquisas do grupo ArcelorMittal na Europa, com clientes, além de sinergia interna entre as usinas.

O comércio de coprodutos resultantes de resíduos do processo industrial gera ganhos ambientais e benefícios econômicos. Atualmente, a empresa desenvolve vários coprodutos, como as escórias de alto-forno e de aciaria, os pós e lamas de alto-forno e de aciaria e as carepas de laminação, que são transformados e reutilizados no processo de produção de aço ou vendidos para outros segmentos econômicos, como os setores cimenteiro, rodoviário e químico.

Guilherme Correa informa que parte da receita gerada com a comercialização dos coprodutos é reinvestida para aprimoramento dos processos.

BNDES muda política de financiamentos para estimular debêntures corporativas

08/06/2015- Fonte: CIMM

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) anunciou nesta sexta-feira mudanças na política de concessão de financiamento, definindo que empresas com receita bruta anual acima de 1 bilhão de reais e que tomarem a partir de 200 milhões de reais precisarão a partir de agora emitir debêntures.

As mudanças, anunciadas em coletiva de imprensa com a Anbima, buscam incentivar a emissão de debêntures corporativas. Segundo o diretor do BNDES Julio Raimundo, a participação do BNDES no crédito para projetos de grandes empresas deve cair em mais da metade.

Metal com memória retorna sempre ao seu formato original

08/06/2015- Fonte: CIMM

Um novo metal com memória de forma pode ser deformado mais de 10 milhões de vezes e, uma vez após a outra, retornar consistentemente ao seu formato original.

O metal mostrou-se tão resistente que poderá ser usado em corações artificiais, componentes aeroespaciais e permitir o desenvolvimento de uma nova geração de geladeiras de estado sólido e conversores de calor em energia.

O brasileiro Rodrigo Lima de Miranda, atualmente na Universidade de Kiel, na Alemanha, é um dos principais responsáveis pela descoberta da nova liga metálica, feita de níquel, titânio e cobre.

Ligas com memória de forma

As ligas com memória de forma (SMA: shape memory alloys) são misturas de metais que apresentam um efeito térmico de memória: fabricadas num determinado formato, elas podem ser radicalmente deformadas, retornando ao seu formato original assim que forem levemente aquecidas.

O que surpreende no novo material é a sua elevadíssima resiliência, suportando mais de 10 milhões de ciclos antes de apresentar fadiga - as ligas desse tipo disponíveis até agora deixam de funcionar e se quebram após alguns milhares de ciclos.

O que dá memória a essas ligas metálicas é um arranjo dos seus átomos que permite que eles ocupem duas configurações diferentes. No processo de fabricação, eles cristalizam na posição 1, passando à posição 2 quando a liga é deformada fisicamente. Basta então aplicar calor para que o material retorne à posição 1.

Titânio e cobre

Analisando películas muito finas desses "músculos artificiais", a equipe descobriu que a presença de um composto de titânio e cobre (Ti₂Cu) melhora a transição de fase que permite que o metal retorne ao seu estado original.

Segundo a equipe, esse composto funciona como uma espécie de "sentinela", suavizando as transições metálicas, o que evita o desgaste e garante que o processo de recristalização que cria o efeito de memória faça com que o metal retorne ao seu formato original de forma completa e precisa.

A expectativa é que a mesma técnica possa ser aplicada a outras ligas com memória, otimizando a criação de uma série de equipamentos metamórficos, que vão de tampas de combustível de automóveis e sapatos femininos ergonômicos, até aviões futurísticos.

Copom elevará ainda mais os juros neste ano, prevê Focus

08/06/2015- Fonte: Exame



Entre a decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) de elevar a taxa básica de juros para 13,75% ao ano na semana passada e a divulgação da ata do encontro na quinta-feira, 11, o mercado financeiro manteve suas estimativas para quase todas as variáveis que englobam a Selic no Relatório de Mercado Focus divulgado nesta segunda-feira, 8, pelo Banco Central.

Foi mantida, por exemplo, a mediana com a expectativa de que a taxa básica de juros avançará para 14,00% ao ano no final deste ano.

Há um mês, a estimativa observada no boletim era de que a Selic encerrasse 2015 em 13,50% ao ano.

A taxa média para 2015 ficou inalterada em 13,50% ao ano.

Quatro semanas antes, essa taxa média estava em 13,22% ao ano.

No caso do fim de 2016, a mediana das projeções permaneceu em 12,00% ao ano. Há quatro edições do boletim Focus, estava em 11,63% ao ano.

Já a previsão para a Selic média do ano que vem passou de 12,30% para 12,31% ao ano, o que embute a informação de que houve alguma alteração para cima nas projeções que ainda não foi detectada pela mediana.

O movimento, no entanto, vai na contramão do que esperam os economistas que mais acertam as projeções para o rumo da taxa básica de juros, o chamado Top 5, no médio prazo.

Para eles, a Selic vai encerrar 2016 em 11,50% ao ano e não mais em 12% ao ano, como aguardavam há 10 semanas consecutivas.

Para 2015, a previsão de que a Selic encerrará em 13,75% ao ano foi mantida.

OCDE aponta fraqueza nas economias dos EUA, Brasil e China

08/06/2015- Fonte: Exame



O crescimento econômico dos Estados Unidos está mostrando mais sinais de enfraquecimento enquanto uma recuperação está ganhando tração em países da zona do euro como França e Itália, disse a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) nesta segunda-feira.

O indicador mensal da OCDE, um medidor desenvolvido para marcar pontos de virada na economia internacional, mostrou quedas para os EUA e outras economias importantes como China e Brasil.

O indicador, um índice sintético onde 100 é a média de longo prazo, permaneceu em 100,7 na zona do euro, mas nos EUA recuou para 99,5 ante 99,7 em março, tendo caído para baixo dos 100 em fevereiro.

A leitura para o Brasil caiu para 99,0 ante 99,1, e a da China recuou a 97,5 ante 97,7. A leitura do índice de abril subiu no Japão para 100,0 ante 99,9 enquanto caiu na Grã-Bretanha para 100,0 ante 100,1.

Dentro da zona do euro, o indicador subiu para França a 100,8 ante 100,7, e na Itália para 101,0 ante 100,9. A leitura para a Alemanha, a maior economia do bloco, avançou a 99,9 ante 99,8 um mês antes.

Ações de CSN e Usiminas caem com possível divisão

08/06/2015- Fonte: Exame



O pregão de sexta-feira, 5, foi marcado pelo recuo das siderúrgicas, principalmente da CSN, após comentários de que a Usiminas, da qual a CSN é acionista, pode ser dividida em duas como uma solução para a briga entre os controladores.

A possibilidade de divisão da companhia para pôr fim à briga entre o grupo ítalo-argentino Ternium/Techint e a japonesa Nippon Steel foi publicada em reportagem da revista Exame.

Segundo a revista, os japoneses ficariam com a unidade de Ipatinga, em Minas Gerais, e os argentinos com a Cosipa, localizada em Cubatão, no litoral paulista.

A briga societária entre Nippon e Ternium se tornou pública após reunião do conselho de administração da Usiminas que culminou na destituição de três de seus principais executivos indicados pela Ternium, com o argumento de que teriam recebido bônus de forma irregular.

Minerva

De acordo com ata desse encontro, em setembro, houve empate na votação "pela destituição imediata dos Diretores Julián Alberto Eguren, Marcelo Rodolfo Chara e Paolo Felice Bassetti de seus cargos".

Diante do resultado, o presidente do Conselho de administração da empresa, Paulo Penido, exerceu o voto de minerva aprovando, assim, a destituição.

A briga societária, considerada pelo mercado como uma das maiores da história recente brasileira, corre na Justiça. A Nippon argumenta que houve "quebra de confiança".

Ternium, por sua vez, afirma que a decisão pela destituição rompeu com o acordo de acionistas, já que essa decisão precisaria contar com o consenso. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

54% das indústrias ligadas à Fiesp terão que demitir

08/06/2015- Fonte: Exame



Considerado pelo governo como o projeto crucial para o ajuste fiscal, a revisão da política de desonerações da folha de pagamento, que deve ser votada pelo Plenário da Câmara em 10 de junho, vai obrigar 54% das empresas ligadas à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) a demitir.

Essa é uma das conclusões do estudo realizado pelo Departamento de Competitividade e Tecnologia (Decomtec) da entidade a respeito das alterações no projeto de lei 863/2015, que trata da política de desonerações.

A expectativa do governo é que a renúncia fiscal de R\$ 25 bilhões com o projeto seja reduzida para R\$ 12 bilhões com o aumento nas alíquotas - de 1% para 2,5%, para setores da indústria, e de 2% para 4,5%, para setores de serviços.

De acordo com a pesquisa, no caso das grandes empresas, as demissões previstas com a diminuição do benefício vão atingir mais de 20% do quadro do pessoal para pelo menos 13% das indústrias. O levantamento ouviu 339 empresas da indústria da transformação, sendo 167 pequenas empresas, 131 médias e 41 grandes.

Segundo o estudo, 60% das empresas afirmaram que a política de desoneração teve efeitos positivos para a manutenção do emprego. Para 42% das empresas, o benefício evitou demissões e para 18% foi possível fazer contratações por conta da renúncia fiscal.

No entanto, 38% dos entrevistados disseram que a medida não interferiu no emprego, mas apontaram como benefício da medida a redução de custos de produção.

Além das demissões previstas com o aumento das alíquotas, 40% das empresas disseram que terão que repassar a alta dos custos aos preços, enquanto 37% afirmaram que vão ter que diminuir as margens de lucro.

"As consequências dessas ações são a redução das vendas (apontada por 30% das empresas), a redução dos investimentos (apontada por 29% das empresas), a perda de participação no mercado doméstico (apontada por 18% das empresas) e a redução das exportações (apontada por 5% das empresas)", diz o levantamento, coordenador pelo diretor titular do Decomtec e vice-presidente da Fiesp, José Ricardo Roriz Coelho.

As pequenas e médias empresas são as mais propensas a elevar os preços - 40% afirmaram que irão repassar os custos para o produto final. Já nas grandes empresas, a redução da margem de lucro é a principal consequência - apontada por 47% - para compensar o aumento dos custos.

A política de desoneração ainda em vigor é considerada "ótima e boa" para 78% das empresas avaliadas. Sendo que as indústrias de grande porte são as mais beneficiadas pela medida - 95% dos entrevistados nessa faixa a avaliam positivamente.

A avaliação regular e ruim aparece com mais intensidade nas empresas de menor porte - 27% avaliaram como regular e ruim a medida. "Nas pequenas, a avaliação negativa pode estar relacionada às empresas desse porte que tiveram poucos produtos incluídos na desoneração e, por isso, apresentaram aumento da burocracia que elevou o custo para pagar tributos, como também a informações insuficientes para uma avaliação mais acurada da medida", explica o relatório. "A avaliação da desoneração da folha é proporcional à estrutura que cada porte de empresas tem para arcar com o aumento da burocracia. Empresas maiores têm melhores condições para diluir esses custos."

O levantamento mensurou também a preferência dos empresários para calcular e recolher a contribuição previdenciária com as mudanças previstas. Para 35% a opção será contribuir sobre a folha de pagamentos - alíquota de 20% da folha de salários. Já 24% disseram que pretendem recolher esse tributo com base na receita bruta, alíquota de 2,5% do faturamento. A maior parte, no entanto, 38%, ainda não avaliou a medida e 3% não responderam.

Perspectivas e juros

De acordo com o relatório, o fim da desoneração agrava um cenário já ruim para a indústria em 2015, que tem sua produtividade prejudicada com a elevação da taxa de juros e dos preços de energia.

A entidade estima que a produção industrial deve cair 2,19% esse ano, criando um panorama de aumento de custos à indústria brasileira. "O fim da desoneração só agrava esse cenário", afirmou.

Economia encolhe mais em 2015 na pesquisa Focus

08/06/2015- Fonte: Exame



O Relatório de Mercado Focus divulgado nesta segunda-feira, 8, pelo Banco Central, mostrou um "mergulho" das previsões para a produção industrial de 2015.

A mediana das estimativas passou de uma expectativa negativa de 2,80% para 3,20%.

A diferença entre uma e outra previsão é de 0,40 ponto porcentual em um intervalo de apenas uma semana.

Quatro edições da pesquisa Focus atrás, a mediana das previsões para o setor fabril era de uma retração de 2,50%.

Com essa alteração, a expectativa mediana para o Produto Interno Bruto (PIB) de 2015 passou de uma retração de 1,27% da semana anterior para 1,30% agora.

Há quatro semanas, a projeção era de recuo de 1,20% do PIB deste ano. Para 2016, a mediana das projeções se manteve em crescimento de 1% pela oitava semana seguida.

Também não foi encontrada alteração das projeções para a produção industrial de 2016, cujas as apostas de expansão para a indústria seguem em 1,50% há nove semanas consecutivas.

Os analistas esperam que a relação entre a dívida líquida do setor público e o PIB encerre 2015 em 37,90%, mesmo patamar da edição anterior do boletim Focus.

Um mês antes estava em 37,95%. Para 2016, as expectativas também não foram mexidas e ficaram em 38,50% pela quarta edição consecutiva.

IPCA

Às vésperas da divulgação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de maio, os analistas ouvidos pelo elevaram a previsão para o índice em 2015. Foi a oitava semana consecutiva de elevação.

A expectativa é de que o índice oficial de inflação encerre o ano em 8,46%, contra 8,39% da semana anterior. Há um mês, essa projeção estava em 8,29%.

As expectativas para a inflação suavizada 12 meses à frente, porém, foram reduzidas e passaram de 5,99% para 5,95%. Há quatro semanas, estavam em 5,94%.

Para maio e para junho, as medianas das previsões foram mantidas em, respectivamente 0,55% e 0,40%, como na semana anterior. Há um mês estavam em 0,50% e 0,30%.

Para o fim de 2016, a mediana das projeções para o IPCA também ficou inalterada - pela terceira semana consecutiva - em 5,50%. Quatro edições atrás estavam em 5,51%.

Estabilidade também foi a marca do Top 5 de médio prazo, grupo dos economistas que mais acertam as estimativas, para o mesmo índice no ano que vem.

A mediana das previsões ficou paralisada em 6,00% pela quarta semana seguida.

No caso das previsões para o IPCA deste ano, a mediana ainda segue bem acima da banda superior de 6,5% da meta e voltou a subir, agora para 8,88%. A mediana, entretanto, está menor do que a aguardada há um mês, de 9,02%.

Pequenas (grandes) conquistas da indústria nacional

08/06/2015- Fonte: Usinagem Brasil



Muito provavelmente a indústria brasileira de máquinas estaria hoje numa posição muito melhor caso tivesse recebido o apoio e suporte necessários décadas atrás, quando chegou a estar posicionada entre as cinco maiores no ranking mundial desse setor (atualmente ocupa a 17ª posição). Os exemplos de Coreia do Sul, China e Taiwan, entre outros,

mostram os resultados que se pode obter com política industrial adequada, combinada com educação de qualidade e recursos para a inovação e para a exportação.

Ainda que não no volume e quantidade desejados, empresas nacionais produzem tecnologia e inovações.

É o que mostram os casos recentes de interesse de multinacionais em empresas brasileiras de máquinas e equipamentos, como a Zema Zselics e a MCS Engenharia, às quais se soma o da Hanna Tools, fabricante de ferramentas. Empresas de porte médio, com capacidade tecnológica para estar concorrendo no mercado mundial, mas sem capital suficiente para montar a estrutura necessária para oferecer suporte e pós-vendas a seus potenciais clientes no exterior.

Há mais de 30 anos no mercado, a MCS Engenharia teve o controle adquirido pela Kollmorgen, integrante do Grupo Danaher, dos EUA, em 2013. Em setembro próximo, os fundadores da MCS enfim vão realizar o antigo sonho de ter seus produtos lançados no mercado mundial, disponíveis nos principais polos industriais do planeta, graças à rede da Kollmorgen. E melhor: recentemente a Kollmorgen elegeu nove produtos inovadores para alavancar suas vendas no mundo. Entre eles, está o CNC Proteo PC, desenvolvido pela MCS.

A Zema Zselics, que ao longo dos seus mais de 60 anos de existência realizou exportações esporádicas para alguns países, encontrou na Junker, da Alemanha, um parceiro para consolidar a presença da marca no mercado mundial de retificadoras. A parceria comercial iniciada em 2014 resultou na aquisição do controle acionário em março passado.

Desde então já foram comercializadas máquinas Zema no México, Estados Unidos e Alemanha, e a empresa participa neste momento, através da Junker, de concorrências na Rússia, China, na Europa, México e EUA. Segundo Dirk Huber, diretor da Junker no Brasil, "os profissionais da Zema ganharam muito respeito dentro do grupo, na Alemanha"

Como divulgado pelo site Usinagem-Brasil na semana passada, as soluções desenvolvidas pela Hanna Tools atraíram o interesse da Sandvik Coromant, da Suécia, considerada a líder mundial em ferramentas de corte.

Um dos destaques entre os desenvolvimentos da empresa brasileira são as soluções para usinagem de guia e sede de válvulas e de mancais de eixos-comando, operações consideradas críticas.

Com o acordo assinado no final de maio, a Sandvik comercializará as soluções da Hanna em todo o mundo. Para a empresa sueca, todos os países que têm indústria automotiva são potenciais clientes dos produtos fabricados em Limeira (SP).

Para Eduardo Hanna, CEO da empresa, o acordo multiplica as possibilidades da Hanna e dará o impulso que faltava à empresa no mercado internacional.

Mahle é líder em patentes do setor automotivo no País

08/06/2015- Fonte: Usinagem Brasil

A filial brasileira Mahle Metal Leve depositou 82 patentes no período entre os anos 2012 a 2014, o maior número entre as empresas do setor automotivo. Responsável mundial pelo desenvolvimento de anéis e camisas, itens que pertencem à unidade de negócios de "Componentes de Motores", o Centro Tecnológico de Jundiaí (SP) também está entre os

10 maiores depositários de patentes em meio às principais empresas e universidades brasileiras.

Segundo dados do Patent Cooperation Treaty (PCT), órgão internacional que oferece assistência aos solicitantes que buscam proteção internacional para suas inovações, essa cifra consolida a empresa como líder nacional na solicitação de patentes para novas invenções no segmento automobilístico nacional, à frente tanto de fabricantes de automóveis como de fornecedores de componentes para a indústria.

De acordo com a empresa, a inauguração do Centro Tecnológico Mahle, em 2008, foi fundamental para criação de condições específicas para o aprimoramento de um grupo que trabalha focado em inovação. Os atuais pedidos de patentes do Centro Tecnológico estão diretamente ligados a projetos em desenvolvimento com perspectiva de serem integrados a produtos que em breve chegarão ao mercado mundial.

A unidade brasileira do Centro de Tecnologia, um dos dez do Grupo Mahle no mundo, é fruto de investimentos da ordem de R\$ 100 milhões. O Tech Center de Jundiaí é o responsável mundial pelas linhas de anéis de pistão, camisas de cilindros e filtros para aplicações em motores flexíveis. Em suas instalações trabalham 297 colaboradores entre técnicos, graduados, pós-graduados, mestres e doutores.

O principal foco é o desenvolvimento de componentes e soluções tecnológicas para motores de combustão interna, visando à redução de atrito, de emissões e do consumo de combustível.

AZ Armaturen passa a fornecer serviços de fundição

08/06/2015- Fonte: Usinagem Brasil



A fabricante de válvulas especiais AZ Armaturen do Brasil passou a oferecer ao mercado serviços de fundição de peças. A princípio, irá fornecer serviços de microfusão, fundição de precisão e pelo processo de cera perdida.

Nos últimos cinco anos, a empresa – instalada em Itatiba (SP) - produzia peças microfundidas apenas para consumo próprio, para a matriz na Alemanha e para outras unidades do grupo em diversos países.

“Agora o fornecimento também está aberto a outras empresas. Para atender a rigorosos padrões de qualidade, montamos nossa fábrica nos moldes alemães, com os equipamentos mais modernos do mercado, materiais da mais alta qualidade e pontualidade na entrega”, informa Alexander Schmidt, diretor da AZ Armaturen do Brasil.

O foco são peças de alta complexidade, de engenharia, aços em geral, inox, ligas de alto e baixo carbono, superligas, Monel, Hastelloy, entre outros. A unidade está capacitada a executar peças sob encomenda para os setores químico, petroquímico, petróleo e gás, papel e celulose, mineração e siderurgia.

A empresa informa que não limita os pedidos por volume, grau de criticidade, certificações ou outros fatores.

De origem alemã, a AZ Armaturen mantém plantas no Brasil, China, Cingapura e África do Sul, além de centros de serviços espalhados por toda a Europa.

A filial brasileira, que completa 20 anos, é responsável pelo atendimento de toda a América Latina. Localizada em Itatiba (SP), conta com moderno parque fabril de 25.000 m², onde produz variada gama de válvulas especiais para vários setores industriais.

China reduz em 11,6% importação de minério de ferro em maio ante abril

08/06/2015- Fonte: Reuters

As importações de minério de ferro por parte da China, o maior consumidor do mundo da commodity, caíram 11,6 por cento em maio em relação ao mês anterior, mostraram dados de alfândega chinesa nesta segunda-feira, com tempo desfavorável reduzindo embarques do Brasil e algumas mineradoras de alto custo deixando o mercado após preços baixos.

Menores importações levaram siderúrgicas chinesas a comprar de estoques mantidos nos portos, o que ajudou a impulsionar os preços do minério de ferro em um terço ante mínima histórica registrada em abril, de 46,7 dólares por tonelada.

As importações no mês passado somaram 70,87 milhões de toneladas, ficando 8,4 por cento abaixo do volume registrado no mesmo período de 2014.

As importações totais nos primeiros cinco meses do ano foram de 378,1 milhões de toneladas, queda de 1,1 por cento.

Os desembarques de minério de ferro em junho devem se recuperar, devido ao aumento da oferta de grandes mineradoras. Mas a demanda deve seguir fraca em meio à desaceleração na segunda maior economia do mundo, segundo uma associação do setor na China.

Economistas mantêm projeção de Selic a 14% em 2015 e elevam perspectiva para inflação

08/06/2015- Fonte: Reuters

Economistas de instituições financeiras mantiveram a expectativa para a Selic no final deste ano após o Banco Central elevar a taxa de juros a 13,75 por cento na semana passada, ao mesmo tempo em que pioraram a perspectiva para a inflação.

A pesquisa Focus do Banco Central divulgada nesta segunda-feira mostrou que os especialistas deixaram inalterada a projeção de que a Selic encerrará 2015 a 14,0 por cento.

Na quarta-feira passada, o Comitê de Política Monetária (Copom) manteve o ritmo de aperto monetário e elevou a taxa básica de juros em 0,50 ponto percentual, para 13,75 por cento ao ano, levando a Selic ao mesmo patamar de dezembro de 2008.

Em relação ao IPCA, os especialistas consultados veem agora uma alta de 8,46 por cento ao final deste ano, contra 8,39 por cento na semana anterior, na oitava semana seguida de piora do cenário.

Metalúrgicos fazem protesto diante de concessionária

08/06/2015- Fonte: Automotive Business

Cerca de 300 trabalhadores da Mercedes-Benz de São Bernardo do Campo (SP) participaram na manhã de terça-feira de um ato em frente a uma concessionária de automóveis na zona Sul da cidade de São Paulo. Os metalúrgicos protestaram contra as 500 demissões realizadas na fábrica de caminhões e chassis de ônibus da montadora.

Segundo o sindicato dos metalúrgicos do ABC, a maioria dos manifestantes fazia parte do grupo que estava em layoff (suspensão temporária de contrato de trabalho) havia um ano. Eles conversaram com pedestres e distribuíram panfletos. Ao contrário do que ocorre com os caminhões, a venda de automóveis Mercedes bate recordes este ano

A pedido do sindicato, a Mercedes-Benz tornou a reabrir em 1º de junho o Programa de Demissão Voluntária (PDV). Aqueles que não aderiram ao programa foram demitidos nesta segunda-feira. A Mercedes ainda tem 215 trabalhadores em layoff e toda a produção (cerca de 7 mil trabalhadores) está em férias coletivas até 15 de junho.

VSB reage à crise e afasta metade dos funcionários

08/06/2015- Fonte: Valor Econômico

A Vallourec & Sumitomo Tubos do Brasil (VSB), fabricante de tubos de aço que opera no município de Jeceaba (MG), vai suspender o contrato de trabalho de 1,1 mil funcionários, o que significa metade de seu quadro de pessoal.

A empresa afirma que a medida é uma resposta ao "cenário econômico mundial" e uma forma "enfrentar a forte retração na demanda por tubos de aço sem costura, privilegiando a manutenção dos contratos de trabalho".

A suspensão, chamada de "lay-off", vai durar até cinco meses, conforme negociação firmada com o Sindicato dos Metalúrgicos de Ouro Branco, Congonhas, Jeceaba e Base. A usina de Jeceaba fabrica tubos para o setor de petróleo e gás e exporta parte de sua produção.

A medida deve começar a entrar em vigor na segunda semana de junho. Pelo acordo, segundo o sindicato, os trabalhadores terão seis meses de garantia de emprego após o término da suspensão.

A empresa, informou o sindicato, decidiu interromper as atividades na aciaria e na laminação. O único altoforno da usina continuará funcionando, assim como a pelletizadora. A VSB vai tentar vender para terceiros o ferro-gusa e as pelotas de ferro que produz nesses dois setores, segundo o sindicato.

Por meio de nota, VSB não informou que setores vão parar. Declarou apenas que o altoforno não será desligado em junho e julho e que não há planos de fazê-lo. De acordo com o sindicato, a VSB informou aos dirigentes dos trabalhadores que decidiu parar suas principais atividades porque a queda da cotação internacional do barril de petróleo tem levado a uma redução nos investimentos das petroleiras em novos poços.

A VSB exporta parte relevante dos tubos que faz em Minas para a indústria de óleo e gás e viu suas vendas caírem. O sindicato aprovou em assembleia, dias atrás, a suspensão de contrato na companhia e disse que os funcionários atingidos pela medida continuarão recebendo seus salários. Parte dos salários será coberto pelo governo federal com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), disse o sindicato. Durante o

"lay-off", os funcionários terão de cumprir até 250 horas de treinamento, ou três horas por dia, uma contrapartida pedida pelo governo.

Essa é a primeira vez que a empresa tomou decisão semelhante, acrescentou a entidade dos trabalhadores. A VSB foi inaugurada em 2011 em uma cerimônia que contou com a presença da presidente Dilma Rousseff.

O empreendimento siderúrgico em Jeceaba é fruto de uma joint venture entre a francesa Vallourec e a japonesa Sumitomo, que envolveu investimentos de R\$ 5 bilhões, conforme divulgado na inauguração. A decisão da empresa se complementa a uma série de outras medidas tomadas pelo setor siderúrgico para tentar reagir à crise de demanda pelo aço no mercado doméstico.

A Usiminas, por exemplo, está desligando dois altos-fornos e elevando o uso de capacidade dos três equipamentos restantes. A mineira também já informou que espera aprovação do sindicato para a redução em um dia útil por semana da jornada de trabalho em áreas administrativas.

De janeiro a abril, as vendas internas de aço caíram 7,5% ante o mesmo período de 2014, para 6,7 milhões de toneladas, segundo o Instituto Aço Brasil. Para 2015, a entidade espera recuo de 8%, para 19,1 milhões de toneladas.

O Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço (Inda) estima baixa de 5% nas vendas do ano. Só em maio, a previsão é de queda em 10%, mas o Inda já alertou que os números podem ser ainda piores.

CSP aplica r\$ 1 bi em controle do meio ambiente

08/06/2015- Fonte: Diário do Nordeste

Com um investimento estimado em US\$ 5,4 bilhões, a Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP), atualmente em construção no município e São Gonçalo do Amarante, pretende destinar uma grande parte dessa quantia para reduzir os impactos ao meio ambiente, um dos maiores desafios para qualquer indústria, independente do setor.

Segundo a empresa, aproximadamente R\$ 1 bilhão será investido em equipamentos e processos de controle ambiental, dos quais estão incluídos gerenciamento de resíduos, monitoramento das emissões atmosféricas e lançamentos de efluentes.

Localizada em uma área de 970 hectares no Complexo Industrial e Portuário do Pecém (Cipp), a CSP também terá entre 95% e 97% de seus resíduos reciclados, reaproveitados ou vendidos.

Assim, apenas 3% a 5% serão destinados a aterros industriais ou sanitários. "A sustentabilidade é prioridade na implantação e operação da primeira usina siderúrgica integrada do Nordeste", diz a empresa, em nota.

De acordo com dados da Posco Engenharia & Construção do Brasil (PEC), empresa responsável pelas obras da CSP, 85,76% das obras da siderúrgica foram concluídas em maio.

A parte de engenharia, por exemplo, já está 100% finalizada, enquanto que os suprimentos estão bem próximos (97,64%).

A conclusão da parte de construção, por sua vez, atingiu 71,28% no mês passado.

Mão de obra

Conforme a Posco, a média de mão de obra no mês de maio foi de 10.745 trabalhadores. A data de start up estimada pela Vale é para o segundo semestre deste ano, por mais que a presidente Dilma Rousseff tenha divulgado que o empreendimento começará a operar no início do ano que vem.

A assessoria da siderúrgica informa que deve-se considerar que "a Companhia Siderúrgica do Pecém é composta por várias unidades operacionais, que estão sendo construídas de acordo com o cronograma integrado. Em decorrência, há uma sequência de partidas que terão início a partir do fim de 2015".

A Vale possui 50% das ações da CSP. A outra metade da participação é dividida pelas sul-coreanas Dongkuk e Posco, com 30% e 20%, respectivamente.

Para o exercício de 2015, a Vale tem previstos US\$ 185 milhões em investimentos, o equivalente a R\$ 545 milhões.

No total, já foi investido pela Vale a quantia de US\$ 1,05 bilhão na siderúrgica cearense, desde o início do projeto.

Aporte do BNDES

Em abril, a Companhia Siderúrgica do Pecém assinou um contrato junto Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e às agências coreanas KExim e KSure para o financiamento de US\$ 3 bilhões (cerca de R\$ 9,48 bilhões na atual cotação), que serão utilizados para garantir a finalização da construção e o início das operações do empreendimento. A siderúrgica ainda não informou se o aporte já foi recebido.

Do total financiado, US\$ 2,1 bilhões serão liberados pelas agências coreanas, enquanto caberá ao BNDES financiar R\$ 2,3 bilhões. O contrato é de longo prazo, totalizando 12 anos.

Destino

Os recursos obtidos com o BNDES se destinarão a ações de caráter local, como os gastos ligados à construção em si do empreendimento. O aporte oriundo das instituições coreanas, por sua vez, se destinarão a iniciativas não locais, a exemplo da aquisição de equipamentos importados.

Saiba mais

85,76% das obras gerais da CSP foram concluídas em maio

100% da área de engenharia do empreendimento foram finalizados

97,64% dos suprimentos também já estão prontos, diz a Companhia

71,28% da parte de construção estão completos até o momento

10,7 mil trabalhadores foi a média de mão de obra no mês passado

5,4 bilhões de dólares devem ser investidos naquela que será a primeira usina siderúrgica integrada da região Nordeste.

Ternium admite falhas de controle à SEC

08/06/2015- Fonte: Valor Econômico

A Ternium e a Tenaris, empresas do grupo italiano Techint, admitiram falhas nos controles internos que garantem a veracidade de dados usados na elaboração das demonstrações financeiras. A declaração, que consta do formulário 20-F entregue à

Securities and Exchange Commission (SEC), reguladora do mercado de capitais nos EUA, tem a ver com as regras impostas em 2002 pelo governo americano, que endureceu a fiscalização nesse sentido para tentar evitar possíveis erros e fraudes em resultados das empresas com capital aberto.

Recentemente, a Petrobras também reconheceu que há deficiências em seus controles internos que poderiam causar incorreções nos números apresentados.

A Ternium disse em seu documento que o exame para checar se as medidas são efetivas revelou que a avaliação e o monitoramento de indicadores que balizam o cálculo do valor de investimentos não opera de maneira adequada.

"A diretoria determinou que essa falha constitui uma deficiência material", acrescenta o texto. Esse foi o principal motivo pelo qual os resultados foram reapresentados.

O grupo italiano discutiu com a SEC como seria feita essa mudança no cálculo da participação que possui na brasileira Usiminas → cujo controle é dividido ainda com a Nippon Steel & Sumitomo Metal e com a Previdência Usiminas.

Nos novos balanços divulgados sobre o desempenho em 2014, a Ternium passou a ter prejuízo de US\$ 198,8 milhões, ante lucro anterior de US\$ 452,4 milhões. A Tenaris teve o ganho reduzido de US\$ 1,34 bilhão para US\$ 1,16 bilhão.

O grupo convocou assembleia de acionistas para deliberar sobre a entrega do documento no dia 30. As empresas que falharem no teste de controle têm de apresentar um plano para melhorar esse aspecto de sua administração. No caso de Ternium e Tenaris, serão reforçados o monitoramento sobre indicadores que podem afetar o valor dos investimentos e também o treinamento do pessoal que cuida da avaliação.

A PricewaterhouseCoopers (PwC), auditoria externa das duas empresas, referendou o balanço segundo as normas internacionais do IFRS, mas reforçou a falta de controle efetivo. "[Isso resulta em] uma possibilidade razoável de que uma incorreção relevante nas demonstrações anuais ou semestrais não seja prevenida ou detectada em tempo hábil", completa o relatório da auditoria.

Agerio financia implantação de siderúrgica em Valença

08/06/2015- Fonte: Agerio.com

A fábrica Novo Mineirão Indústria e Comércio obteve crédito de R\$ 3 milhões na AgeRio para implantar filial no município de Valença, no Sul do Estado. Com sede em Duque de Caixas, Baixada Fluminense, a fábrica atua nos ramos de beneficiamento de aços planos, e na industrialização e comercialização de ferro e aço.

A Novo Mineirão Indústria e Comércio produz itens como estacas metálicas, vigas soldadas, chapas e bobinas de aço para construtoras, montadoras e indústrias da construção civil principalmente a região Sudeste. A fábrica foi fundada em 1968 e ocupa terreno de 20 mil m², com sete prédios administrativos, sete galpões de fabricação e quadro de 160 empregados.

A filial de Valença constituída em 2012, vai produzir armações metálicas para construção civil, obras de saneamento básico e infraestrutura. A unidade já iniciou as operações e deve gerar mais 30 postos de trabalho [já são dez até agora]. O crédito da AgeRio foi empregado na conclusão do projeto, que teve investimento total de R\$ 5,9 milhões.

Vale sobe com relatório de Itaú BBA e preço, mas cenário ainda é incerto

08/06/2015- Fonte: Valor Econômico

Um relatório divulgado ontem pela corretora Itaú BBA colocou perspectivas mais otimistas para a Vale em cenário que vem sendo marcado por más notícias para as grandes mineradoras mundiais, com a queda nos preços e o desequilíbrio entre oferta e demanda no mercado de minério de ferro.

A análise da corretora contribuiu para que as ações da mineradora terminassem o dia como uma das maiores altas do Ibovespa. A ação preferencial da empresa fechou a R\$ 18,01, alta de 7,46%. No acumulado do ano até ontem, a ação ainda acumulava queda de 3,22%.

O mercado avaliou que, além do relatório da Itaú BBA, a alta nos preços do minério de ferro também contribuiu para o comportamento das ações da Vale. O produto com teor de ferro de 62% subiu 1,89% ontem no mercado à vista da China, para US\$ 63,02. Rio Tinto e BHP Billiton, concorrentes da Vale, subiram 2,38% e 1,77%, respectivamente, na Bolsa de Londres.

O sentimento entre analistas de diferentes bancos ouvidos pelo Valor é de que o otimismo com a Vale está mais relacionado a questões de curto prazo pois os problemas estruturais do mercado não mudaram. "O relatório do Itaú fez pressão, mas teve também alta do preço do minério. Mas o cenário para o setor continua nebuloso", disse Pedro Galdi, do blog Whatscall.

Difícilmente, o preço do minério de ferro vai ficar acima de US\$ 60 por tonelada no fim do ano, nas previsões dos bancos. Um analista disse que o primeiro semestre é a época mais forte de produção de aço na China, o principal cliente mundial de minério de ferro. Já no segundo semestre a tendência é de um volume de vendas mais forte no mercado transoceânico de minério de ferro, afirmou. Nesse cenário, os preços tendem novamente a cair, acreditam os analistas.

No seu relatório, o Itaú BBA elevou de "underperform" (equivalente a venda) para "neutra" a recomendação para os papéis da mineradora. O preço-alvo dos ADRs de ações preferenciais, entretanto, caiu de US\$ 7,60 para US\$ 7.

De acordo com corretora, a posição mais construtiva sobre a Vale resulta do fim de uma tendência negativa de revisão de ganhos, do fato de que o risco de alavancagem da empresa está sob controle e também da previsão de uma melhoria no fluxo de caixa livre da companhia a partir de 2017. Para 2015 e 2016, os bancos continuam a trabalhar com um fluxo de caixa livre negativo para a Vale que vai ser coberto com a venda de ativos.

As vendas de ativos da Vale em 2015 e 2016 podem totalizar entre US\$ 6 bilhões e US\$ 8 bilhões, nas previsões da Itaú BBA. A Vale pode ser capaz de reduzir sua dívida líquida em valores semelhantes por meio de uma série de operações de venda de ativos, afirmou a corretora. Citou a entrada no caixa da companhia de US\$ 900 milhões da venda de ouro obtido como subproduto da mina de cobre de Salobo, no Pará.

A venda de grandes navios a armadores chineses pode render mais US\$ 1,5 bilhão e valor semelhante poderá ser arrecadado com a venda de ações preferenciais em projetos da mineradora. Existe ainda a previsão de que a Vale receba US\$ 3 bilhões da operação envolvendo carvão e logística em Moçambique, anunciada em 2014.

Segundo a Itaú BBA, desde 1º de março, quando a corretora rebaixou sua recomendação para Vale, até ontem as ações da mineradora tinham caído 15% em dólar. "Acreditamos

que agora o cenário é mais claro para a Vale", escreveram no relatório os analistas Marcos Assumpção, André Pinheiro e Daniel Sasson, da equipe de mineração e siderurgia do Itaú BBA. A corretora estima que a Vale possa fechar 2015 com um lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) de US\$ 7,7 bilhões, sendo de US\$ 8,8 bilhões a projeção para 2016.

O Itaú BBA trabalha com preços médios de US\$ 57 por tonelada para o minério de ferro em 2015 e de US\$ 55 por tonelada para o próximo ano. A longo prazo os preços podem se estabilizar em patamar próximo de US\$ 60 por tonelada.

Atividade insalubre: MTE define novas regras

08/06/2015- Fonte: Portal MTE

O Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) publicou, na sexta-feira (29/05), a Portaria nº 702, que determina os pré-requisitos necessários para ampliar a jornada de trabalho em atividades insalubres e define quais informações devem constar das solicitações.

A análise vai considerar os possíveis impactos na saúde dos trabalhadores e a quantidade de acidentes ou doenças de trabalho das empresas envolvidas. Empregadores com números elevados terão seus pedidos indeferidos.

Os pedidos deverão apresentar a identificação do empregador e do estabelecimento, incluindo a razão social, CNPJ, endereço, CNAE e número de empregados. Também será preciso indicar as funções, setores e turnos que necessitam de prorrogação e o número de empregados alcançados pela medida, além de descrever a jornada de trabalho ordinária. Será exigida, ainda, a relação dos agentes insalubres, com a identificação da fonte, nível ou concentração e descrição de medidas de controle.

O deferimento dos pedidos está condicionado à inexistência de infrações relacionadas às normas regulamentadoras, à adoção de pausas durante o trabalho, ao rigoroso cumprimento dos intervalos previstos na legislação, além de contar com a anuência da representação da categoria profissional por meio de acordo ou convenção coletiva.

As análises serão efetuadas por meio de documentos, consulta aos sistemas de informação da inspeção do trabalho e visitas complementares ao estabelecimento empregador.

Iveco para montagem de pesados e blindados

08/06/2015- Fonte: Valor econômico

A Iveco se juntou ao grupo de montadoras que estão dando férias coletivas neste mês devido à forte queda das vendas de veículos. A partir de segunda-feira, a montadora para por mais dez dias sua linha de caminhões pesados, que, desde abril, já vinha operando em esquema de semana curta de trabalho, com dois dias a menos de produção.

Já na quinta-feira, a empresa também vai conceder férias coletivas aos 250 operários do setor no parque industrial de Sete Lagoas (MG) onde é fabricado o veículo militar blindado Guarani.

Nesse caso, a parada será de 30 dias e tem como motivo a falta de novos pedidos do Exército. A paralisação não atinge, contudo, as demais linhas do complexo, como os setores que produzem caminhões leves, médios e o furgão Ducato.

As vendas de caminhões caem mais de 42% neste ano, sendo a linha pesada a mais afetada pela crise - dados coletados até abril mostram queda superior a 60% no segmento. Só a Iveco registrou nos cinco primeiros meses deste ano vendas 46,6% menores do que em 2014, com menos de 2 mil caminhões emplacados no período. Esse desempenho afeta diretamente a atividade da FPT, a fornecedora de motores do grupo instalada ao lado da linha de montagem de caminhões.

Segundo Marco Aurélio Rangel, novo presidente da FPT na América Latina, a fábrica de propulsores a diesel está operando com ociosidade próxima de 20% e deve terminar o ano com 54 mil motores produzidos, 6 mil a menos do que em 2014, que já tinha sido um ano difícil para a indústria de veículos comerciais.

"Todo mundo já puxou o freio de mão e alguns já engataram a marcha à ré", diz o executivo, ao analisar a falta de confiança de empresas transportadoras em renovar frotas num ambiente de fraca atividade econômica, com condições mais restritivas nos financiamentos a bens de capital pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

A saída tem sido buscar clientes fora do grupo e desenvolver os motores para novas aplicações. Férias coletivas também param na primeira quinzena deste mês as fábricas da Mercedes-Benz em Juiz de Fora (MG) e no ABC paulista, mesma região onde a Scania e a Ford interromperam a produção nesta semana com folgas a operários.

Na indústria de carros, a General Motors (GM) tem férias coletivas programadas em todas suas fábricas no país por períodos que vão de duas semanas, como na unidade de motores em Joinville (SC), a quase ao mês inteiro, como no parque industrial de São Caetano do Sul (SP), cuja produção só volta no dia 29.

Da mesma forma, os operários da Fiat foram dispensados ontem por conta do feriado de Corpus Christi e só retornam ao trabalho no dia 15, paralisando todas linhas de produção da marca líder do mercado de automóveis.